



GRUPOS EM REFERÊNCIA À VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM UM CAPS TRANSTORNO III: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

ISABELLY PINTO DA COSTA¹

RESUMO

Trata-se de um estudo de natureza descritiva e qualitativa, do tipo relato de experiência. A presente pesquisa é fruto de uma experiência profissional e de formação especializada - Residência Multiprofissional em Saúde Mental, inserida no município de Recife. O programa possibilitou a aproximação com as práticas de um CAPS-T III, em que foi possível identificar que as mulheres são o principal grupo de atendimento do serviço, em que seu sofrimento é atravessado por diversas questões de gênero, entre elas a violência. Assim, como produto de estágio foram realizados 4 grupos temáticos, com temas transversais a violência contra mulher, a fim de socializar informações a respeito da temática, a fim de problematizar a realidade observada e pensar em estratégias para melhor assistir e acolher a vítimas de violência no serviço, reconhecendo as diversas manifestações desta no cotidiano.

Palavras-chave: Saúde mental; CAPS; violência contra mulher; saúde da mulher; atenção básica.

1. INTRODUÇÃO

A Reforma Psiquiátrica se constituiu como um divisor de águas no campo da saúde mental, a partir daí o indivíduo passou a ser assistido através de sua singularidade, se atendo às características biopsicossociais. Segundo Ballarin (2010), pode-se afirmar que a mudança no modelo de assistência ao paciente com transtornos mentais possibilitou a criação de novas práticas de atendimento com visibilidade principal no resgate da cidadania, a reinserção destes usuários e das suas famílias no meio social (BALLARIN apud SOUSA, 2020, p. 46).

Através desse movimento são criados os CAPS - Centro de Atenção Psicossocial -, divididos em três modalidades: transtorno, álcool e outras drogas e infantil, com a

¹ Assistente Social formada pela Universidade Federal de Pernambuco, Residente do Programa Multiprofissional em Saúde Mental do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira, COREMU IMIP. E-mail: isabelly.pcosta@ufpe.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6463-039X>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3462593875418461>

complexidade I, II e III, de acordo com a população adscrita no território, sendo o III 24 horas. Nesse modelo substitutivo aos hospitais psiquiátricos, os usuários possuem um Técnico de Referência em Saúde Mental (TR) e um Projeto Terapêutico Singular (PTS), responsáveis pela mediação do cuidado dentro do serviço.

O movimento convergiu com a Reforma Sanitária, que teve como resultante a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), onde seus princípios torna possível a assistência do indivíduo mais próxima de seu território, observando as particularidades que este apresenta. A lei nº 10.216/2001, tem em seu artigo 4º que “O tratamento visará, como finalidade permanente, a reinserção social do paciente em seu meio” (BRASIL, 2001), nesta esfera, se inserem os grupos terapêuticos, com abordagens variadas em conformidade a equipe multiprofissional.

A presente pesquisa é fruto de uma experiência profissional e de formação especializada - Residência Multiprofissional em Saúde Mental, inserida no município de Recife. O programa possibilitou a aproximação com as práticas de um CAPS-T III, através da realização de acolhimentos, oficinas, grupos e debates interprofissionais e seminários temáticos propostos pela instituição, construindo o aspecto ensino-trabalho. Dessa forma, foi possível identificar que as mulheres são o principal grupo de atendimento do serviço, em que seu sofrimento é atravessado por diversas questões de gênero, entre elas a violência e identificando a escassez dos encaminhamentos dados pelos profissionais do serviço.

Se fez necessário tensionar os servidores e usuários sobre a problemática latente, o escrito tem como objetivo trazer o resultado do produto de estágio do programa de residência, em um CAPS-T III, em que foram realizados 4 grupos temáticos, com temas transversais a violência contra mulher, discutindo a violência em si, os papéis sociais, preconceitos e estereótipos, no intuito de problematizar a realidade observada e pensar em estratégias para melhor assistir e acolher a vítimas de violência no serviço, reconhecendo as diversas manifestações desta no cotidiano.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um estudo de natureza descritiva e qualitativa, do tipo relato de experiência, desenvolvida em um CAPS III - Transtorno do município de Recife, como produto de estágio da Residência em Saúde Mental do IMIP, sendo solicitada pelo CAPS em questão. Durante o mês de agosto de 2023, foram realizados 4 grupos terapêuticos, cujo os temas foram transversais a violência contra mulher, em alusão ao Agosto Lilás. Os grupos foram heterogêneos, formados por homens e mulheres, com idades entre 20 e 55 anos, pertencentes a modalidade intensiva, semi-intensiva e não intensiva, ocorrendo nas segundas-feiras no grupo Cidadania e Saúde, objetivando socializar referentes a desigualdade de gênero, levando em conta os aspectos sócio-históricos que colaboram para este fenômeno. As dinâmicas foram tiradas de cartilhas e vídeos dispostos na internet, tendo como tema a violência contra mulher; violência contra o idoso; padrão de beleza e estereótipos; e papéis sociais e preconceitos.

A primeira ação se relacionou com a campanha de enfrentamento a violência doméstica e familiar contra a mulher, como forma de abertura ao agosto lilás, no sentido concreto, buscando socializar os tipos de violência presente na atual sociedade e os canais de denúncia, acolhimento e encaminhamento, a fim de sensibilizar e conscientizar o público-alvo sobre a respeito de tal prática, como forma de fortalecimento da campanha, assim como, se

atendo as vivências das usuárias. 12 mulheres e 3 homens participaram da atividade, cuja metodologia foi construída através de uma dinâmica de mitos e verdades - em que todas eram mitos, porém os participantes não sabiam-, sendo posto em questão: 1. Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher; 2. No amor e na guerra, vale tudo; 3. Tem mulher que gosta de apanhar; se não, não se metia com esse tipo de homem.; 4. Se não tem marcas, então não houve violência; 5. Se você for melhor [não sair, se comportar, cuidar da casa, cuidar bem dele, etc], ele muda. A dinâmica faz parte de um documento produzido por Angela Santos, que tem por objetivo desmistificar falas naturalizadas na sociedade que colaboram para episódios de violência de gênero, como também para reafirmação do machismo.

A princípio os grupos haviam sido idealizados apenas para mulheres para que estas se sentissem confortáveis em compartilhar suas vivências e ocorresse uma troca de experiências, uma vez que já havia sido identificado pela equipe do serviço que uma parcela significativa das participantes do grupo já haviam sofrido algum episódio de violência. A dinâmica não pode ser feita de modo exclusivo considerando que: 1- por turno, é ofertado apenas uma oficina no caps por turno, assim o público excluído da atividade ficaria ocioso durante o período da manhã, uma vez que os demais profissionais estariam em outras tarefas; 2- foi identificada curiosidade dos homens a respeito do tema, em que eles traziam dúvidas sobre acontecimentos relacionados à figura feminina de sua família e vizinhança; 3- as mulheres não ficaram inibidas de trazer suas experiências na presença delas, dado vínculo que já havia sido construído ao longo dos grupos.

Na leitura das negativas, houveram postos de discussão sobre o porquê da frase não estar correta, principalmente frase “tem mulher que gosta de apanhar; se não, não se metia com esse tipo de homem”, no qual a maioria dos usuários consideraram como certa, sendo necessária uma intervenção para explicar o caminho sócio-histórico, de exploração e desigualdade de gênero, que dificulta com que a mulher saia de um relacionamento abusivo. Mesmo com a abordagem, alguns continuaram com a mesma percepção, por isso, essa frase voltou a ser trazida nas dinâmicas posteriores para que os participantes compreendessem as diversas manifestações da violência, e como essa paralisa a vítima.

Como segunda temática, a violência contra a pessoa idosa foi abordada no segundo grupo, como uma solicitação dos usuários, que queriam discutir a violência de maneira ampla, sem muita compreensão que a ideia principal era problematizar sobre a questão de gênero. 6 mulheres e 1 homem participou. Foram levantados os principais tipos de violência (sexual, abandono, psicológico, patrimonial, físico), conscientizando o público-alvo acerca da rede de proteção, com foco nas unidades de saúde, ministério público, assistência social, conselho e delegacia da pessoa idosa e a defensoria pública. Os usuários trouxeram vivências a respeito de seus vizinhos idosos que haviam sofrido violência, uma das participantes referiu que tinha “medo de denunciar, pois ninguém acredita na pessoa com transtorno”, a fala foi reafirmada pelo restante dos colegas, que trouxeram a dificuldade da credibilidade em relação a sociedade, em razão de seu quadro psíquico, sendo questionados constantemente pela família e sociedade civil.

A terceira atividade teve por objetivo evidenciar as diferenças entre os papéis sexuais dentro do nosso contexto sociocultural. Conversar sobre estereótipos, como interfere na sexualidade e sentimentos dos homens e mulheres. 9 mulheres e 2 homens participaram da dinâmica, inicialmente foi solicitado para que o grupo pensasse em frases que escutam desde crianças (casa, TV, escola) que tem a ver com a sexualidade, com uma reflexão posterior após todos falarem. Em um segundo momento, foi realizado um sorteio de papéis com comportamentos e ações sociais escritos- Fazer curso de informática; Tomar iniciativa sexual; Urinar em pé; Sair para beber; Orientar sexualmente os filhos; Ser sensível; Ter coragem; Fumar; Lavar louças; Chorar em filmes dramáticos; Usar peças íntimas delicadas; Tomar iniciativa para namorar; Passar roupas; Ocupar cargos importantes de trabalho -, os quais os

participantes tinham que lê-las e dizer a qual gênero estava relacionado e quais eram os sentimentos relacionados a este. Por fim, ocorreu um pensamento sobre as diferenças entre homens e mulheres, as consequências e possíveis mudanças.

No último grupo estavam presentes 7 mulheres e teve como temática os papéis sociais, estereótipos e preconceitos. O exercício iniciou com a leitura de um breve texto que contava a história de Joana, uma personagem fictícia, que tinha histórico de depressão na família, praticava atividade física e trabalhava em uma empresa de advocacia; os usuários teriam que pensar na imagem de Joana, como era sua aparência física, como ela se comportava na sociedade e os lugares que frequentava. Na segunda parte, foram distribuídos papéis no chão, em que cada um se referia a um lugar - sofá da sala, cozinha, praça, hospital, CAPS, faculdade, igreja, trabalho, avião, academia, prisão. Foi atribuído para cada um dos participantes um personagem - Mãe, pai, filho, sogra, irmão, pessoa com deficiência, pastor, jovem infrator, idoso, criança e usuário do CAPS -, os usuários deveriam encaixar o personagem em um dos lugares dispostos, sendo questionado ao restante do grupo se eles concordavam com a posição ou não. Após uma discussão sobre os aspectos trazidos durante a atividade, ocorreu a leitura do poema de Fernando Pessoa, “Eu não possuo meu corpo”.

As usuárias tiveram dificuldade de sair do concreto, associando o pastor a igreja, a mãe a cozinha e o jovem infrator a prisão, por exemplo. Quando questionadas sobre o porquê das escolhas, encontraram dificuldades de argumentar sobre, porém quando ocorria alguma intervenção por parte dos profissionais elas conseguiam compreender, referindo “todos podem ir para todos os lugares, nós não pertencemos apenas ao CAPS”, também conseguiram elaborar falas em relação aos debates levantados em grupos anteriores, a exemplo dos aspectos que levam as pessoas ficarem a lugares que não as fazem bem, em analogia ao primeiro grupo.

3. DISCUSSÃO

A construção do trabalho teve como referencia o estudo realizado por Trevisan & De Souza Castro (2017) que traz que em relação ao sexo, houve diferença entre a prevalência de atendimento. Quatro estudos apontaram que a maioria da população atendida era do sexo feminino e três artigos concluíram ser do sexo masculino, um teve percentual igual de 50% para ambos os sexos e um estudo investigou o perfil apenas de mulheres. A média de idade dos usuários dos CAPS, nos diversos estudos, variou entre 28 anos e 43 anos. (TREVISAN & DE SOUZA CASTRO, 2017, p.1003)

As mulheres inseridas no CAPS transtorno, em sua maioria, relatam ter passado por episódios de violência, sobrecarga de tarefas domésticas e abandono por parte dos companheiros em quadros de surto, onde uma são parcela encaminhadas pelo Centro de Referência Clarice Lispector que acolhe e orienta mulheres em situação de violência doméstica e/ou sexista. Sendo identificado escassez nos encaminhamentos para os serviços de referência, assim como no preenchimento das fichas de notificação, sendo uma prática realizada quase de modo exclusiva pelos profissionais do serviço social, por isso se fez relevante a abordagem do tema nos grupos.

Durante a realização da ação, os participantes foram motivados a refletir acerca da temática e relacionar com os conhecimentos que já possuíam, discutindo estratégias de enfrentamento à violência, para fomentar a discussão de forma lúdica, foram trabalhadas atividades com temáticas transversais como estratégia para alcançar o todo, como estratégia de educação em saúde e cidadania.

A reflexão sobre os papéis sociais se fez importante, possibilitou a análise da desigualdade de gênero, Silva (et al. 2023), afirma que tal prática é um dos fatores que leva à

construção de relações violentas, uma vez que esta resulta em uma convivência baseada na dominação entre indivíduos, a partir do pressuposto da existência de diferentes padrões de comportamento entre os gêneros. Compreende-se, ainda, que essas desigualdades também são mediadas pelas relações patriarcais presentes na nossa sociedade como fruto de uma construção social, cultural e histórica que tem como elementos constituintes a dominação masculina (SILVA et al, 2023, p.4)

Outro aspecto levado em consideração, é a autoimagem, compreendida como a coisificação da mulher, estabelecido através do movimento da criação de padrões e papéis sociais, colabora com episódios de violência, uma vez que fragiliza o sexo feminino perante a sociedade. De acordo com Hotz (2016), a imagem do corpo leva à busca do prazer, ainda é o lugar de ansiedade, onde a mercantilização o insita na busca da satisfação do prazer, das sensações, de experiências que acabam por negar seu corpo. Assim, assim se fez importante trazer reflexões sobre os estereótipos, a fim de fazer com que o grupo pensasse como a construção do ser humano é atravessada por percepções de si, reconhecendo a autoestima e o autoconhecimento são chaves fundamentais para o fortalecimento do *eu*.

Segundo Almeida (2014), os padrões promovem a discriminação racial, as pessoas portadoras de deficiências e todas aquelas mulheres que não cumprem com as características estabelecidas como padrão almejado na cor da pele, estatura, nas formas e nos olhos, dentre outras. Admitindo a violência como um fenômeno multicausal, os temas transversais para além dos marcos legais, como a lei Maria da Penha (LMP), nº 11.340 de 2006 e a Lei nº 13.104, criada em 2015, conhecida como Lei do Feminicídio, as práticas realizadas nos serviços de saúde são de notório importância, pois é o setor saúde, em seus vários níveis de complexidade, pois esse cenário é identificado como uma das portas de entrada da assistência às mulheres em situação de violência. Elas são identificadas como as principais usuárias dos serviços de saúde e em situações de violência, para além dos cenários jurídico, policial e de assistência psicossocial, às vítimas buscam espaços de saúde para seu cuidado (SILVA et al, 2023, p.5)

Dessa forma, o Agosto Lilás é um instrumento para que os profissionais inseridos na saúde possam trabalhar a proteção à mulher, com práticas humanizadas e intersetoriais, que visam criar um espaço acolhedor, associado com um manejo estratégico para esses casos. Durante a execução das dinâmicas, percebeu-se uma boa participação do público, em contraponto do afastamento em relação à temática, dificultando o aprofundamento em questões mais complexas, a exemplo dos aspectos sócio-históricos que colaboram para o contraste entre os sexos. Os usuários não conseguiram colocar o gênero como tema central da discussão, questionando por vezes se outros públicos também não podem ser vítimas do mesmo fenômeno. Nesse sentido, se tornou evidente a necessidade da continuidade de práticas de educação em saúde para dar conta de todas as questões levantadas pelos usuários, construindo novas estratégias, se atendo às particularidades dos usuários, a fim de alcançar maiores níveis de fixação.

No decorrer das atividades, foram presentes algumas falas delirantes e desconexas ao tema, dado o grande número de usuários com perfil psicótico. Portanto, a continuidade do trabalho, para além do Agosto Lilás, inserindo a prática no cotidiano dos profissionais é a chave fundamental para superar as lacunas que a políticas ainda apresentam, colocando o profissional da saúde como uma figura essencial para identificação, manejo e enfrentamento dos casos de violência, além de identificar o CAPS, como um espaço potente para a discussão dos direitos e cidadania.

4. CONCLUSÃO

A partir das experiências vivenciadas, assim como as ações realizadas foi possível realizar algumas reflexões sobre a potência do CAPS para além do trato em saúde mental, sendo um espaço para constantes práticas de educação em saúde, se atendo às singularidades dos indivíduos e do território, assim como dispõe a lei 10.216/2001, no propósito de afastamento da lógica manicomial, constituindo um local para trocas de saberes e construção de práticas para a emancipação ser humano.

Os grupos são uma ferramenta notória para o cumprimento da função de inserção social, é um catalisador da relação terapêutica, para uma clínica que não resume apenas na lógica medicalocêntrica.. Mesmo com suas limitações, foram identificadas potências que colaboraram em dinâmicas participativas e com debates ricos. Dessa forma, cabe ao profissional inserido nesse serviço pensar em práticas e estratégias, problematizando o real e a história do indivíduo, para que assim, a violência e seus temas transversais sejam tratados de forma constante, reconhecendo a presença desse fenômeno na sociedade e a necessidade de discutir para combater.

Por fim, destacamos, ainda, as potencialidades das Residências Multiprofissionais em Saúde Mental, visto que essas possibilitam um olhar de um profissional afastado dos vícios do serviço, sendo possível identificar questões latentes na instituição, quais as intervenções possíveis, com o fim de transformação da realidade, e um serviço de saúde mais eficiente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 329-340, 2014.

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid et al. Concepções de profissionais de saúde mental acerca de atividades terapêuticas em CAPS. **Trends in Psychology**, v. 26, p. 911-926, 2018.

HOLZ, Giovanna Sandman. Padrões de Beleza. **Caderno Pedagógico**. Prefeitura do Estado do Paraná. PDE, 2016.

MOTA, Virgínia de Albuquerque; COSTA, Ilze Maria Gonçalves da. Relato de experiência de uma psicóloga em um CAPS, Mato Grosso, Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, p. 831-841, 2017.

SILVA, Jardson et al. VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E SUAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O AGOSTO LILÁS. **Revista Ciência Plural**, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2023.

TEIXEIRA, Júlia Magna da Silva; PAIVA, Sabrina Pereira. Violência contra a mulher e adoecimento mental: Percepções e práticas de profissionais de saúde em um Centro de Atenção Psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, p. e310214, 2021.

TREVISAN, Erika Renata; DE SOUZA CASTRO, Sybelle. Perfil dos usuários dos Centros de Atenção Psicossocial: uma revisão integrativa. **Revista baiana de saúde pública**, v. 41, n. 4, 2017.

